

O título deste livro poderia sugerir ao leitor que se trata de um manual sobre "o que fazer e o que não fazer" para homens de negócios e investidores desejosos de aproveitar as oportunidades que surgirão com o boom que está para acontecer na Rússia. Na verdade, embora os autores passem em seu texto o otimismo encontrado tipicamente em manuais "faça-você-mesmo", o seu livro apresenta uma análise penetrante e de leitura fácil de um amplo espectro de questões relacionadas com as perspectivas econômicas da Rússia. De saída, eles observam que "o pessimismo dominou os comentários ocidentais sobre a Rússia e boa parte dos comentários dentro da própria Rússia. No entanto, de maneira geral as previsões desanimadoras não se concretizaram. Ao contrário do que se esperava, houve progresso na maioria das frentes, não de forma metódica, mas normalmente pelo processo de dois passos à frente e um para atrás. O passo para trás em geral recebeu mais destaque do que os passos à frente, confirmando o estado de espírito de desânimo".

Este volume no geral consegue ter êxito em seu propósito de ser um antídoto contra o desânimo. Talvez sua maior contribuição seja mostrar que, apesar de todas as preocupações no sentido de que a história de aristocracia, servidão, isolamento, comunismo e ambivalência da Rússia em relação à civilização ocidental impedisse a consolidação da economia de mercado, a experiência real dos últimos seis anos demonstra que um grande segmento da população russa se adaptou de maneira relativamente rápida às oportunidades criadas pelas reformas econômicas lançadas oficialmente no início de 1992. Portanto, concluem os autores, existem boas razões para sermos otimistas.

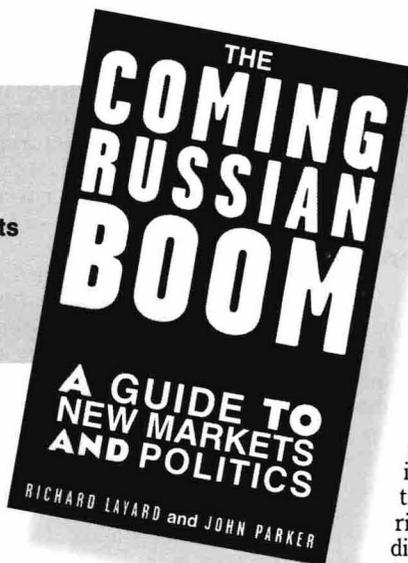
A metodologia empregada pelos autores é interessante. Em seqüência, eles levantam 12 "questões básicas", que vão de "A Rússia é diferente?" passando por "A terapia de choque foi exagerada?" a "Conseguirá a Rússia reconstruir o império?" Como essas questões sugerem, os autores acham que o seu tema tem importantes elementos econômicos, políticos, culturais e geográficos; e em cada caso eles lançam mão de um domínio impressionante da história, de comparações entre países, da literatura russa, quase sempre concluindo com uma observação otimista. Sob essa luz, é curioso que a seção de conclusões, em que apresentam diversos cenários político-econômicos, escritos, evidentemente, no início de 1996, antes da reeleição do presidente Yeltsin, tende a ser demasiadamente pessimista. Como o cenário mais provável, eles sugerem "quase a mesma coisa", que seria a continuação do governo de centro no contexto de uma coalizão de base ampla que teria de se virar. O desempenho econômico se caracterizaria por uma inflação na faixa de 30-150% e o crescimento anual seria de 5%. Trata-se de uma conclusão bastante curiosa, uma vez que a experiência das economias em transição até aqui sugere que o crescimento neste ritmo não é sustentável no nível de inflação que Layard e Parker sugerem e que, de qualquer modo, a Rússia já se saiu melhor — pelo

Richard Layard e John Parker

The coming Russian boom

A guide to new markets and politics

New York, The Free Press, 1996. xvii + 380p. US\$27,50/Can\$37 (brochura).



menos em matéria de inflação, cuja taxa anual está hoje ao redor dos 15%.

Os autores dedicam espaço considerável à discussão do futuro papel das regiões da Rússia. Enfocando as experiências de reforma bastante diferentes de Nizhny Novgorod e Ulyanovsk, eles enfatizam a importância das predisposições e da determinação dos líderes locais (o que se opõe, por exemplo, ao grau inicial de dependência da indústria ao estilo soviético tradicional) para a imposição do ritmo da reforma local. Na discussão da adoção do programa de estabilização russa no final de 1991 e início de 1992, Layard e Parker poderiam ter enfatizado as dificuldades que os anúncios incautos

das medidas a serem tomadas e a falta de coordenação política entre as autoridades russas provocaram. Eles sugerem que, parte em razão do problema criado pela área do rublo (carente de instituições em pleno funcionamento características de áreas monetárias), a equipe simplesmente aceitou que a estabilização monetária, que na Polônia aconteceu praticamente da noite para o dia, na Rússia aconteceria antes de meados de 1992. O que não se disse foi que, em dezembro de 1991 o governo já tinha cometido o erro de prever um desdobramento múltiplo nos aumentos dos preços quando estes fossem liberados em 2 de janeiro de 1992 e que praticamente desde o início não houve coordenação entre o governo da Rússia e o Banco Central e, conseqüentemente, muito menos um programa financeiro articulado e integrado. Se, malgrado a extrema rapidez dos eventos, tivesse sido possível trabalhar desde o início com um programa financeiro mais cuidadoso, boa parte dos 250% de aumento nos preços ao consumidor só em janeiro de 1992 e dos 2.500% de inflação em 1992 como um todo poderia ter sido evitada.

Layard e Parker discutem francamente o papel difuso da máfia russa (estimulada por um Estado fraco e pelo grande e repentino aumento de proprietários que não confiavam uns nos outros e precisavam de proteção) e a necessidade de reduzir a sua influência pelo fortalecimento dos direitos de propriedade, pela redução da regulamentação para diminuir as oportunidades de corrupção e pelo rigor no cumprimento da lei. No que diz respeito à questão do monopólio, a discussão é menos satisfatória, uma vez que os autores tendem a vê-lo sobretudo como uma questão de tamanho relativo de empresas, não se dando atenção suficiente ao poder dos monopólios locais e regionais em um vasto país em que os sistemas de comunicações e transporte são ainda relativamente subdesenvolvidos. Essas são apenas algumas das questões abordadas pelos autores e que — apesar de seu otimismo ilimitado — contribuem para um livro extremamente provocante.

Thomas A. Wolf

CAN SOUTH
AND
SOUTHERN
AFRICA
BECOME
GLOBALLY
COMPETITIVE
ECONOMIES?

EDITED BY
GAVIN MAASDORP

Gavin Maasdorp (org.)

Can South and Southern Africa become globally competitive economies?

New York, St. Martin's Press, 1996. xviii + 285p. US\$75 (brochura).

O comércio e a produção mundiais, e sobretudo as participações em ambos os países em desenvolvimento, cresceram com enorme rapidez ao longo das duas últimas décadas. A única exceção foi a África subsaariana. Este livro inclui 23 estudos, apresentados na conferência realizada em Durban em 1994, que tratam das causas do fraco desempenho econômico da África subsaariana e do que se pode fazer para melhorá-la.

No artigo de abertura, William Easterly analisa os dados entre países sobre os determinantes das taxas diferenciais de crescimento e demonstra que a África tem sido marginalizada na economia mundial. Sua conclusão é que políticas ruins explicam a maior parte das taxas inferiores de crescimento da África, mas argumenta que os "efeitos da vizinhança" também influem. Os países do Sudeste asiático se saíram melhor do que se pode explicar levando em conta apenas boas políticas, mas o fato de terem tido vizinhos que também adotaram boas políticas criou externalidades positivas para eles. Já na África, Easterly detecta efeitos negativos da vizinhança: políticas coletivas fracas compuseram os efeitos das políticas ruins dos países individuais.

O restante do volume complementa essas conclusões tratando de quatro subprojetos. O primeiro deles enfoca as implicações da integração regional na África; dois dos quatro estudos desta

seção examinam o impacto da integração econômica com um grande país dominante (África do Sul). A seção seguinte discute a marginalização de subgrupos dentro dos países do sul da África, especialmente os que foram atingidos pela *apartheid* na África do Sul e na Namíbia, e os problemas da violência étnica experimentada em Kwazulu-Natal na África do Sul.

A seguir, examinam-se as políticas capazes de reverter o declínio econômico da África subsaariana, juntamente com as lições que os países da região podem aprender dos países do Extremo Oriente e de outros lugares. Os tópicos são abrangentes e vão da taxa de câmbio e da gestão da conta de capitais a políticas sobre indústria e tecnologia. Finalmente, cinco estudos discutem algumas das características específicas do sul da África, sobretudo da África do Sul. Entre os tópicos encontram-se os mercados de trabalho da África do Sul e do Zimbábue, a extensão das reformas comerciais na África do Sul e questões de saúde e produtividade.

O estudos são, em sua maioria, bons, e alguns excelentes. Mas a coletânea não assume uma posição vigorosa sobre a integração bem-sucedida da África subsaariana na economia global. O trabalho é razoável na definição das questões que precisam ser tratadas e identifica os tipos de políticas que a região necessita adotar para tornar-se competitiva. Embora seja um bom manual sobre questões básicas de políticas, infelizmente a discussão das políticas não se liga diretamente às questões específicas enfrentadas pela maioria dos países da região.

Em alguns aspectos, este livro pode ter sido escrito cedo demais. Em 1994, o impacto das profundas mudanças políticas e econômicas que estavam acontecendo no sul da África não era ainda de todo visível, sendo então levantadas mais questões do que hoje sobre o compromisso da maioria dos países da região com essas mudanças.

Em 1997, a situação no sul da África admite um ponto de vista muito mais otimista. Quase todos os países da região hoje têm governos democráticos. A África do Sul retornou ao redil internacional. Moçambique está em paz, e a competitividade das exportações dos países internos da região está aumentando. O comércio e os regimes cambiais foram liberalizados, e empreenderam-se significativos programas de privatização. Os investimentos estrangeiros estão aumentando, embora até o momento tenham se restringido sobretudo à mineração e ao turismo. Mais importante ainda, a liberalização dos acordos de comercialização agrícola, quer se trate do tabaco Burley em Malavi ou da castanha-de-caju em Moçambique, está conduzindo a rápidas respostas na oferta. E, pela primeira vez, estão sendo transferidos recursos para os pequenos proprietários, o que significa uma transformação nas economias rurais.

Embora as perspectivas para a região sejam melhores do que quando se realizou a conferência de Durban, o livro tem ainda considerável relevância e oferece uma importante contribuição às discussões sobre políticas para o sul da África. As questões e as soluções vencedoras de políticas são ainda as mesmas, e as lições da experiência continuam pertinentes. Acontece o mesmo com alguns dos problemas discutidos no livro, como a falta de recursos humanos treinados e a distorção de políticas de mão-de-obra na África do Sul; os problemas da integração de uma economia grande, mais desenvolvida e de salários maiores com outras menores e de salários mais baixos; e o retrocesso nos problemas sociais e econômicos enfrentados pela sub-região devidos a uma longa história de estagnação e inflação.

Ataman Aksoy

AFRICA AND THE AMERICAN PRIVATE SECTOR: CORPORATE PERSPECTIVES ON A GROWING RELATIONSHIP

Africa and the American Private Sector

Corporate Perspectives on a Growing Relationship



In April 1997, the CORPORATE COUNCIL ON AFRICA hosted the *Attracting Capital to Africa* Summit in Chantilly, Virginia. This historic Summit brought together over 700 American and African participants including Heads of State, Ministers, American corporate leaders and key policy decision makers from both sides of the Atlantic Ocean. Never before has there been a Summit of this magnitude in the United States targeted on strengthening the commercial relationships between the U.S. and Africa.

Twenty workshop papers, authored by international experts, offer an honest perspective and robust analysis of the issues confronting the African marketplace. Topics range from transportation technologies, to nuances in financing investment growth, to transitions in the countries of Angola and Nigeria. This volume of *Africa and the American Private Sector: Corporate Perspectives on a Growing Relationship* captures the Summit's conclusion that many African states are emerging from the economic wilderness and merit a closer look.

To order, please write or call:

CORPORATE COUNCIL ON AFRICA

1660 L Street, N. W.—Suite 301, Washington, D.C. 20036 • Telephone: (202) 835-1115 • Fax: (202) 835-1117

Price: \$24.95. Shipping: \$3.50 in the United States; international orders additional